

Intervenção de Frei Bento Domingues na Sessão do Dia Internacional de Solidariedade com a Palestina 2009

Boa noite

O que já está dito, já está dito e sabemos porque é que estamos aqui. No entanto, a comemoração destas datas transforma-se num ritual que a gente fica a pensar ao fim e ao cabo o que é que adianta. Há uma coisa que adianta. É nós não perdermos o sentido da memória nem o da realidade presente e isso já não é pouco. Mas em relação aos objectivos que é o povo palestino que não só ter o direito, mas poder exercer num estado independente, aí as coisas são, um bocado, difíceis.

Vou ser muito breve, mas há uma coisa que quero aqui chamar a atenção, que em 2004 o delegado da Santa Sé a uma reunião da ONU disse o seguinte e eu quero partir daí: uma análise realista da tal situação demonstra-nos que há muita retórica acerca das actividades da promoção da paz, mas também que existe muito pouca boa vontade política a propósito da resolução das diferenças.

A relutância da comunidade internacional a interpelar os governantes de Israel e Palestina a negociarem em boa fé, contribuiu para o fracasso do chamado roteiro da paz. Sem estas negociações extremamente necessárias não existem possibilidades de reconciliação, de perdão de compromisso ou de colaboração e todos estes são requisitos necessários para uma paz duradoura na região.

A comunicação é essencial para unir as diferentes partes interessadas. As políticas de separação permanente não podem, de forma alguma promover a paz.

Num contexto tão negativo as agências humanitárias devem continuar a oferecer aos refugiados os serviços de assistência que lhe são próprios, mas não vai mais longe.

Eu queria, depois voltarei a um outro texto, dizer o seguinte: eu recusei-me sempre a ir à Terra Santa, não por ser um país em guerra, nessa situação trabalhei em vários, pelo menos em três países em guerra dura, mas ao se designar uma terra santa e até depois dos três monoteísmos, dá-me um bocado engulho, quer dizer não tenho apetite nenhum. Depois dizem que é o mesmo Deus e todos começam a falar Shalom, Shalom? e não vamos a lado nenhum e porquê? Porque as pessoas enchem a boca de palavras, mas isto serve para encobrir uma realidade bem complicada. Chamar hoje àquilo Terra Santa é um insulto. Não venho falar das vítimas dessa história, eu creio que o ponto de vista a falar é sempre a partir das vítimas, mas naquele caso, todos, mesmo os opressores, mesmo aqueles que têm aquele fito do grande Israel, que implica o não povo palestino assimilado, são vítimas também. Ver o mundo a partir das vítimas deve ser trabalhado num outro horizonte. Num horizonte para chegar à reconciliação, o importante é descobrir o caminho de reconciliação daqueles povos, porque eu julgo que é inaceitável o pensamento de Hegel que dizia que cada consciência viva procura a morte do outro. É esta atitude em que o outro está sempre a mais é que me parece necessário começar a ver isto de outra maneira.

Eu li ontem uma carta de 1920 de Einstein a um árabe, quando já estava a administração britânica, ele disse: nós temos de fazer o seguinte, de uma forma secreta que ninguém saiba, árabes e judeus devemos escolher um conjunto de pessoas, um conselho um conselho em que

haja sempre paridade absoluta de um lado e de outro para nós fazermos um caninho em conjunto que reivindiquemos autonomia e que reivindiquemos esta terra para nós judeus e árabes.

Ele fez um mini-regulamento para que aquilo não seja absorvido pelos dirigentes políticos nem dum lado, nem do outro, nem de judeus, nem de muçulmanos, nem de árabes e claro é evidente nem pensar na presença britânica.

Porque de outra maneira em que é que estamos?

O povo palestino é evidente que preferia que não existisse o estado de Israel e Israel não quer um estado palestino, a não ser que seja conforme os interesses de Israel e vai estudando a maneira de o estado palestino ser impossível, torná-lo impossível, mas sobre esta situação actual e sobre esta estratégia, no dia 26, Randa Nabulsi publicou um artigo no Diário de Notícias entre a legitimidade internacional e a lei da selva, em que está tudo aqui preto no branco, clarinho acerca do que se pretende.

Agora o que importa é ajudar a fazer compreender as dirigentes dos dois povos, que estão todos a ser vítimas do medo, estão todos a ser vítimas da desconfiança, estão todos a ser vítimas do ódio, estão todos a multiplicar a violência e o ódio. Quer dizer, isto não é julgar da legitimidade de ninguém, é a própria natureza das atitudes bélicas que não vemos saída para isto.

Uma solidariedade que não favoreça a cooperação justa entre Israel e o povo palestino também não é solidariedade, apenas alarga o fosso e o muro.

Agora, temos exemplos na História para provar que só o caminho do perdão mútuo conduz à reconciliação e à paz.

A França e a Alemanha estiveram em guerra e que guerra, tiveram de fazer esse gesto. Sem esse gesto teriam um sentido de guerra permanente.

Nelson Mandela é o exemplo mais eloquente desse método. Não quero recuar à independência da Índia.

Agora, há uma coisa aqui, para já conhecemos judeus e palestinos que já trabalham esse caminho. Atrevo-me a dizer que são eles que precisam da solidariedade mundial para fazerem uma grande corrente mundial que leve as lideranças dos dois povos a perceber que os caminhos que têm seguido não levam a lado nenhum a não ser engrossar o rio de sangue.

As pessoas poderão dizer, mas isso é possível? Eu diria, só isso é possível, porque ali não vai haver vencidos e vencedores. Não vai, porque estão todos a ser vencidos, estão todos a contribuir para o pior.

Então é uma sugestão, nesta data, é uma sugestão simples, que eu vou já falar dela. Era necessário divulgar a nível mundial todas as iniciativas, todas as organizações, todas as pessoas, há uma que é conhecida, a orquestra, há judeus apaixonados pelo povo palestino e há palestinos que são, também, apaixonados por judeus e já viveram em muitas épocas em conjunto e em amizade. Quer dizer que, portanto, o que neste momento é necessário engrossar de um lado e doutro é aquela gente que pensa que é possível que os dois povos possam viver, organizar-se de outra maneira diferente do que é a organização actual. A organização actual do Estado de Israel é de um estado belicista é auto-destruidora, destrói em

primeiro lugar os próprios israelitas e ainda pior, é porque vivem à base do que sofreram com os nazis.

Então isso serve não para ter compaixão dos outros, isso não serve para ter sentido da dor dos outros, isso é uma cobertura para fazerem aos outros o que lhe fizeram a eles que é fazer a destruição. O Holocausto serve para produzir holocaustos. É evidente que a minha amiga Esther Muznik diz logo que sou anti-semita, como se os árabes também não fossem também semitas. O problema é que de facto vivemos esta tragédia imensa uma história longa de perseguição aos judeus e que depois acabou naquela tragédia, e para mim é indiferente se foram 7 milhões, se foram 6 se foram 4, é indiferente a nível do nº de pessoas, mas ao nível que é de um povo que quer a destruição de outro povo.

Mas agora põe-se o problema, o que está a fazer neste momento também não é mesmo desejo que o povo palestino não possa existir como um povo livre e independente? aí estamos de novo no que Hegel disse que cada consciência viva procura a morte do outro. Então fala-se no grande Israel, isso é um Israel muito pequenino, isso é um Israel miserável é um Israel que tem força e cada vez mais força bélica e que tudo fará para que seja só ele, naquela zona que tenha a bomba atómica.

Aquele judeu que descobriu, que revelou ao mundo que Israel tinha a bomba atómica, primeiro esteve na cadeia, agora soltaram-no, mas como se converteu na cadeia aos anglicanos agora não tem poiso em lado nenhum e lá anda pelas comunidades cristãs a ver se tem algum apoio. Mas, quê e porquê? Por causa disso. Agora, reparem bem, se houver toda a gente que diz este caminho que estamos a seguir, talvez as lideranças políticas não possam fazer doutra maneira, não sei para já.

Ora quando falamos em povo devemos é potenciar tudo o que existe nos povos de desejo de paz para fazerem caminhos e até de resistência não violenta, mas de resistência activa, algo que impressione pelo amor mútuo que têm dos povos.

Outro dia, aqui em Lisboa, na mesquita, ali junto à Praça de Espanha por iniciativa do Abdul Rakil houve uma reunião para quê, para algo que não se tinha ouvido falar em Portugal, que era a carta da compaixão. Como sabem em 2001 a escritora Karen Armstrong recebeu o prémio TED por ter lançado com base na regra de ouro, tanto na sua formulação positiva como negativa, central em todas as religiões, não só nas religiões abraâmicas, mas em todas as religiões, quase sempre apresentadas as religiões como focos de guerras, ela era uma ex-freira que vivia no mundo só dos cristãos, dos católicos, mas ao ir a Jerusalém, para fazer o programa para a BBC ela descobriu que aquilo não podia ser que aquilo era impossível. Esse prémio já foi dado a muitos cientistas e personalidades, que têm tido uma ideia nova uma ideia que seja capaz de renovar o mundo. E em 18 minutos, tinha de expor perante uma grande assembleia com muitos peritos, em 18 minutos qual era essa a ideia. A ideia dela foi, a participação global de pessoas de todas as nações, origens e credos num processo aberto da sua redacção era um ponto de partida para uma exigência essencial e assim aconteceu. Com esse método a carta consegue transcender as diferenças religiosas, ideológicas e nacionais para se tornar um instrumento de mobilização global.

A regra de ouro que Karen Armstrong descobriu com espanto, no coração das diferentes tradições religiosas, éticas e espirituais, embora formulada com pequenas diferenças e explicitada de várias maneiras na sua intervenção, costuma exprimir-se de forma negativa não

faças aos outros o que não desejas que os outros te façam e de forma positiva faz aos outros o que gostarias que os outros te fizessem.

Esta é a regra de ouro que é muito anterior ao judaísmo como ao cristianismo, mas que também se exprimiu tanto no judaísmo como no cristianismo, como no judaísmo como depois no Islão.

E ela deve englobar ateus, agnósticos, todas as pessoas de diferentes tendências porque é um princípio ético, é este princípio que serve de guia a toda a carta da compaixão. As palavras dependem muito, como sabem, do uso e a compaixão evoca para algumas pessoas aquilo que precisamente, não querem dos outros, comiseração, a pena, a situação de coitadinhos e de coitadinhas, quando falamos em compaixão já nos parece uma coisa melíflua?

Não entrando pela via do sentimentalismo e sem recorrer às etimologias que tem nas diferentes línguas, a compaixão não é apenas a recusa da indiferença,

há um tango muito bonito de uma argentina que depois também é cantado em conjunto por uma brasileira eu só peço a Deus e é tudo em relação a não ser indiferente.

Agora aqui não se trata só de recusar a indiferença perante a tragédia, impele a trabalhar sem descanso para aliviar o sofrimento do próximo, a destronar o nosso eu do centro do mundo para aí colocar os outros, ensina-nos a reconhecer o carácter sagrado de cada ser humano e a tratar cada pessoa sem excepção com respeito equidade e absoluta justiça

A carta convoca todos homens e mulheres a recolocar a compaixão no centro da moral e das religiões a retomar o antigo princípio de que são ilegítimas todas as interpretações das escrituras religiosas que geram violência ódio ou desprezo. A garantir aos jovens informações precisas e respeitosas acerca das outras tradições, religiões e culturas

A incentivar uma visão positiva acerca da diversidade cultural e religiosa. A cultivar uma inteligência compassiva perante o sofrimento de todos os seres humanos, mesmo daqueles que nós consideramos nossos inimigos e de quem nos consideramos, muitas vezes, inimigos.

Esta carta não pretende lançar uma nova organização, já existem centenas em todo o mundo a trabalhar, incansavelmente, em nome da compaixão e do diálogo não só inter-confessional, mas envolvendo todas as pessoas de boa vontade.

O seu objectivo é fazer ressaltar o esforço de todos estes grupos e movimentos para aumentar a visibilidade do seu trabalho e torná-los contagiantes.

A carta pretende mostrar, de forma activa, que a voz do negativismo e da violência, muitas vezes associada à religião e às religiões, é apenas de uma minoria e que a voz da compaixão, é pelo contrário, a voz da grande uma maioria.

Por que é que eu chamo isto aqui? Porque quando se fala de solidariedade e há muitas expressões possíveis de solidariedade para com o povo palestino, há uma solidariedade que é muito urgente. É que é preciso descobrir os judeus que são solidários com o povo palestino e os palestinos que são solidários com o povo judeu, contra a situação actual que é uma situação de violência e de promessa de violência e de caminhos de violência.

Por que nós podemos pensar assim, numa óptica oca. Está bem, estas gentes, estas gerações são todas sacrificadas, mas um dia vai raiar o sol, mas para quem?

Ao passo que se se fizer crescer este sentimento de estima mútua, pode durar muito tempo, mas esta gente já está viva, esta gente já está no futuro, esta gente já pertence a uma visão em que judeus e árabes, palestinos naquele caso estarão a ajudar-se mutuamente, a fazer, realmente com que aquilo seja uma terra de convívio, que seja uma terra santa, neste momento é a terra do pecado

É esta maneira de ver que eu queria evocar, por causa de quê, porque as declarações da ONU são fundamentais, as condenações que tem feito são fundamentais, só que as declarações, essas condenações cada vez temos uma lista maior, mas não vemos caminhos para esse roteiro da paz. Ora o roteiro da paz não deve ficar só na mão dos dirigentes políticos de um lado e do outro, esse roteiro da paz deve envolver as populações e por isso me parece muito interessante em todo o lado onde houver organizações que sejam de solidariedade para com o povo palestino, que é a vítima das vítimas, mas também dos judeus que são vítimas de uma loucura que pensam que por terem sofrido, foram os outros, por terem tido uma história absolutamente louca contra os judeus, que isso lhes dá uma licença pública para darem cabo dos palestinos.

Portanto aqui eu lanço só esta ideia, para que nós num movimento de solidariedade, a trabalhemos, a discutamos, ou estaremos de acordo ou não estaremos de acordo, não interessa, se acordamos era bom?